

Donald Trump conduz à guerra comercial

Numa manhã de junho de 1930, o Presidente Herbert C. Hoover recebeu na Casa Branca o banqueiro Thomas Lamont, membro do J. P. Morgan Bank. Lamont contou pouco depois do que aconteceu na entrevista: “Quase me ajoelhei para pedir ao presidente que exercesse seu poder de veto contra a estúpida lei Hawley-Smoot”. Essa norma contemplava aumentar tarifas de centenas dos artigos importados nos Estados Unidos a fim de proteger negócios e fontes do emprego.

A lei tinha sido aprovada em maio por ambas as casas, mas Hoover ainda poderia vetá-la e devolvê-la ao Legislativo. Embora o banqueiro tivesse total confiança do presidente, ele decidiu assinar o decreto dando força total a esse instrumento legal e aumentando as tarifas em 890 itens, desde produtos manufaturados até produtos agrícolas. De repente, uma feroz guerra comercial eclodiu, quando o mundo estava afundando na Grande Depressão.

A Lei Hawley-Smoot não provocou essa grande crise, mas contribuiu para torná-la mais profunda e mais longa. A guerra comercial que ajudou a desencadear ajudou a depressão a atravessar todas as fronteiras. E a mensagem do protecionismo tóxico acentuou os efeitos da crise: entre 1929 e 1933, os fluxos do comércio internacional caíram de 5,3 para 1,8 bilhão de dólares.

É importante recordar este triste episódio à luz das medidas ameaçadoras recentemente adotadas por Donald Trump. As tarifas de 25% e 10% impostas pela Casa Branca às importações de aço e alumínio, respectivamente, serão contraproducentes por duas razões importantes.

Em primeiro lugar, porque estas medidas desencadearão uma

guerra comercial generalizada quando os países em questão aplicarem medidas compensatórias. A UE, por exemplo, declarou que poderia impor direitos aduaneiros sobre as importações de motocicletas Harley Davidson, jeans e até uísque “bourbon”. Mas as guerras comerciais reduzem o crescimento e a criação de emprego. Não é disso que necessita a economia global, que continua a sofrer com a grande crise financeira de 2008.

Em segundo lugar, os efeitos em cascata na economia dos EUA afetarão negativamente as empresas e os trabalhadores das indústrias utilizadoras de aço e alumínio importadas. Setores como o automotivo, o dos eletrodomésticos e da construção serão afetados pelo aumento do custo dos seus factores de produção. E se os assessores de Trump acreditam que essas tarifas levarão a uma expansão da indústria do aço e do alumínio, devem pensar duas vezes, porque a construção de uma nova fábrica nessas indústrias não acontece da noite para o dia. As tarifas não abrandarão o declínio industrial nos Estados Unidos.

A Casa Branca diz que quer recuperar a grandeza da indústria do aço e do alumínio. Mas a história mostra que o declínio desses ramos de produção nos Estados Unidos se deve mais a seus próprios erros do que a outra coisa. No caso do aço, após a Segunda Guerra Mundial, o domínio da indústria americana era total e, por essa razão, manteve-se fiel à tecnologia tradicional dos fornos do tipo Bessemer. Mas desde os anos 50 que os europeus começaram a experimentar tecnologias mais eficientes (injeção direta de oxigênio) que logo começaram a dominar esse ramo. Na década de 1970, os fornos de arco elétrico também se espalharam, enquanto os gigantes da indústria nos Estados Unidos mantiveram a velha e rígida tecnologia. Em conclusão, a falta de competitividade da indústria siderúrgica americana deve-se à sua complacência. Mas para essa doença, o remédio certo não é uma dose maior de proteccionismo.

As tarifas anunciadas por Trump são um aviso ameaçador. Já em

janeiro tributou as importações de máquinas de lavar roupa e painéis solares e as novas medidas confirmam a sua bravura na área da rivalidade comercial. Hoje, as chances de Trump explodir as negociações do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) aumentaram significativamente. Seus conselheiros comerciais superiores, começando com o Secretário de Comércio Will Ross, o Representante de Comércio Robert Lightizer, e o conselheiro especial presunçoso e ignorante Peter Navarro, mostraram abertamente uma posição anti-OTAN. Hoje, esse instrumento entreguista de que os tecnocratas neoliberais tanto se orgulham está pendurado por um fio.

Se a história econômica nos ensina alguma coisa, é que as guerras comerciais não servem para mudar o curso das profundas reestruturações econômicas sofridas pelas economias capitalistas. Essas mudanças tectônicas não podem ser revertidas com tarifas ou cotas de importação. Além disso, a história revela que as guerras comerciais estiveram muitas vezes estreitamente ligadas a rivalidades pela hegemonia monetária. É quase normal que, devido aos seus efeitos econômicos negativos, os conflitos comerciais acabem também por conduzir a guerras armadas. O atual contexto global tem todos esses ingredientes de um coquetel explosivo. A conflagração terá repercussões terríveis.

Original: [La Jornada](#)